



**Origem e perspectivas da Bioética no Brasil e em Portugal**  
**Beginning and perspectives of Bioethics in Brazil and in Portugal**  
**Origen y Perspectivas de la Bioética en Brasil y Portugal**

Amanda Guedes dos REIS<sup>1</sup>

Carlos Manuel Costa GOMES<sup>2</sup>

Marta SAUTHIER<sup>3</sup>

André Marcelo Machado SOARES<sup>4</sup>

**Abstract:** In this article, result of an academic partnership between the Anna Nery School of Nursing from the Federal University of Rio de Janeiro and the Bioethics Institute of the Catholic University of Portugal of the Porto, the beginning of Bioethics is addressed and its impact in Brazil and Portugal countries is presented. The Brazilian and the Portuguese bioethical thoughts are discussed and a prospecting of the future of Bioethics journey in both countries is made.

**Resumo:** Neste artigo, fruto de uma parceria acadêmica entre a Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa do Porto, a origem da Bioética é abordada e a sua repercussão nos países Brasil e Portugal apresentada. Os pensamentos bioéticos brasileiro e português são discutidos e é feita uma prospecção da caminhada futura da Bioética nos dois países.

**Keywords:** Bioethics – Health - Practical wisdom - Humanist perspective - Philosophical perspective.

---

<sup>1</sup> Mestre em Enfermagem. Membro do Grupo de Estudos em Ética e Bioética da Escola de Enfermagem Anna Nery da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

[amanda.gdreis@gmail.com](mailto:amanda.gdreis@gmail.com)

<sup>2</sup> Professor e Investigador de Bioética no Instituto de Bioética da Universidade Católica Portuguesa; Secretário-Geral do Centro de Estudos de Bioética e Coordenador/Editor da Revista Portuguesa de Bioética. [cgomes@porto.ucp.pt](mailto:cgomes@porto.ucp.pt)

<sup>3</sup> Doutora em Enfermagem. Professora do Departamento de Enfermagem Fundamental da Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN/UFRJ). [martasauthier@hotmail.com](mailto:martasauthier@hotmail.com)

<sup>4</sup> Doutor em Teologia (PUC-Rio), com pós-doutorado em Bioética pelo Instituto de Bioética (UCP-Porto). Membro do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Instituto Nacional de Câncer (INCA-Ministério da Saúde). [machadoysuarez@hotmail.com](mailto:machadoysuarez@hotmail.com)



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

*Medical Education*

*Educação Médica*

*Educación Médica*

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

**Palavras-chave:** Bioética – Saúde - Sabedoria prática - Perspectiva humanista -  
Perspectiva filosófica.

RECEBIDO: 21.03.2016

APROVADO: 03.06.2016

\*\*\*

## I. Introdução

Desde o primeiro encontro luso-brasileiro de Bioética é possível afirmar que, além da língua, existem elementos em comum entre a reflexão bioética realizada no Brasil e em Portugal. Para além das afinidades em que se estabelecem as relações, estas se desenvolvem também através das diferenças que permitem o mútuo enriquecimento. A diferente situação geográfica dos dois países permite o acesso de ambos a dois mundos; as diferentes formas de organização e os diferentes níveis de desenvolvimento de diversas áreas de atividades permite ao Brasil e a Portugal a formulação de problemas específicos.

As afinidades histórico-culturais entre Brasil e Portugal são incontestáveis e justificam algumas proximidades no pensamento bioético; mas, por outro lado, deve-se considerar que os modelos teórico-práticos norte-americanos da bioética, incluindo o *princípioalismo*, nunca conseguiram ter primazia na Europa, ao contrário do ocorrido em sua fase inicial de desenvolvimento na América do Sul. Simultaneamente, os diferentes problemas que afetam a Europa e a América do Sul no âmbito da ética da vida, determinam distintos temas e perspectivas de reflexão<sup>5</sup>. Em face destes fatores de proximidade e distanciamento até aqui mencionados, pretende-se, a seguir, delinear, de modo sucinto, as origens e perfis da Bioética portuguesa e brasileira.

## II. Origem da Bioética

O termo bioética foi aventado pela primeira vez em 1927, na Alemanha, quando o autor Fritz Jahr (1895-1953), pastor protestante, filósofo e educador, publicou na revista *Kosmos*, um influente periódico alemão, um artigo intitulado “*Bio-Ethics: a review of the ethical relationship of humans to animals*”

---

<sup>5</sup> NEVES, MCP; PRADO, M. ‘Apresentação do projeto Origem e evolução da Bioética em Portugal e Brasil: a questão da identidade’. *Bioética*, vol. 12, 2004, p. 139.

*and plants*” (Bioética: uma revisão do relacionamento ético dos humanos em relação aos animais e plantas). Já neste momento,

a capacidade humana de destruir a biosfera, de manipular as espécies e de intervir tecnologicamente em sua evolução e em sua própria constituição inaugurava um novo período no qual os valores e os princípios éticos clássicos passariam a ser relativizados em âmbitos diversos da ação humana. Isto não significava atestar a disfunção generalizada desses valores e princípios, mas a constatação de que já não era mais suficiente a aplicação de normas antigas aos novos casos. Foi neste contexto que surgiu a Bioética<sup>6</sup>.

Nesta publicação, Jahr propõe um imperativo bioético, ampliando o imperativo moral de Kant para todas as formas de vida: “respeite todo ser vivo, como princípio e fim em si mesmo e trate-o, se possível, enquanto tal”. O conceito de bioética de Jahr é amplo a ponto de incluir todas as formas de vida<sup>7</sup>. Em 1970, Van Rensselaer Potter (1911-2001), bioquímico norte-americano dedicado à investigação oncológica na Universidade de Wisconsin, utilizou o neologismo para ilustrar a fragmentação da realidade pelos vários conhecimentos humanos. De acordo com Potter, é necessário constituir uma ponte que permita um diálogo entre as ciências humanas e as ciências da vida, pois só assim será possível estabelecer uma sociedade verdadeiramente ética<sup>8</sup>. No mesmo ano, em 1971, e sem conhecimento do termo “bioética”, Andre Hellegers, um obstetra de origem holandesa que lecionava na Universidade de Georgetown, em Washington D.C., utilizou-o também com carácter inédito, mas com sentido distinto: o de ética biomédica, enquanto ética das ciências da vida particularmente consideradas ao nível do humano. “Bioética” designa então um novo domínio da reflexão e da prática que incide sobre as questões humanas na sua dimensão ética, recorrendo a sistemas éticos já estabelecidos ou teorias a estruturar com a finalidade de salvaguardar a dignidade da pessoa, na integralidade da sua singularidade e na universalidade da sua humanidade. Foi devido a esta utilização do termo que a bioética veio a alcançar a projeção que hoje é reconhecida.

---

<sup>6</sup> SOARES, AMM. *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2011, p. 31.

<sup>7</sup> MUZUR, A; SASS, HM (editores). *Fritz Jahr and the foundations of global bioethics: the future of integrative bioethics*. Munster: Lit Verlag, 2012.

<sup>8</sup> POTTER, Van Rensselaer. ‘Bioethics, science of survival’. *Perspect Biol Med*, Vol. 14, 1970, p. 127-153.

A Bioética pode ser definida como o estudo sistemático da conduta humana no contexto das ciências da vida e da saúde, examinadas à luz de valores morais de uma determinada sociedade, através de uma variedade de correntes éticas em um contexto interdisciplinar. Apresenta como aspectos relevantes: a compreensão dos problemas relacionados com valores que surgem em todas as profissões de saúde; a aplicação às investigações do comportamento que influem diretamente ou não na terapêutica e abordagem de várias questões sociais, que se relacionam com temas da saúde. “A Bioética reflete a preocupação com a vida humana e com a dimensão moral das pesquisas científicas e das condutas dos profissionais de saúde”<sup>9</sup>.

Para o professor André Marcelo M. Soares, a Bioética pode ser definida como:

conhecimento complexo de natureza pragmática, aplicado aos questionamentos morais suscitados pelas decisões clínicas e pelos avanços científicos e tecnológicos. Essa natureza pragmática apoia-se em quatro princípios (*autonomia, beneficência, justiça e não-maleficência*) e implica a capacidade de tomar decisões, moral e legalmente aceitas, em casos que envolvem conflitos de valores e em situações em que os avanços terapêuticos e científicos excluem de seus benefícios determinados grupos humanos, não avaliam cuidadosamente a relação risco-benefício ou não consideram a autonomia dos sujeitos passivos. Para tomar tais decisões, a Bioética procede analisando, em uma determinada realidade, a complexidade micro e macrossocial, micro e macroeconômica e a repercussão de suas decisões no interior de uma sociedade com seu sistema de valores<sup>10</sup>.

Com o surgimento da Bioética, houve a necessidade de estabelecer uma metodologia para analisar os dilemas éticos que emergiam da prática profissional em saúde.

Em 1974, o governo norte-americano, tomando conhecimento do desrespeito aos seres humanos envolvidos em pesquisas científicas, criou a *National Commission for the Protection of Human Subjects of Biomedical and Behavioral Research* (Comissão Nacional para a Proteção dos Seres Humanos em Pesquisas Biomédica e Comportamental), que compôs o *Belmont Report* (Relatório Belmont), publicado em 1978. Este Relatório utilizou como referencial para as suas considerações éticas, a respeito da adequação das pesquisas realizadas em

---

<sup>9</sup> SOARES, AMM. *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2011, p. 34.

<sup>10</sup> SOARES, AMM; PIÑEIRO, WE. *Bioética e biodireito: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006, p. 28-29.



seres humanos, três princípios básicos: o respeito à autonomia, beneficência/não maleficência e justiça<sup>11</sup>.

Tom Beauchamp e James Childress, em 1979, publicaram o livro *Principles of Biomedical Ethics* (Princípios da ética biomédica), que consagrou o uso dos princípios na abordagem de dilemas bioéticos. Estes autores consideraram quatro princípios básicos - dois de ordem teleológica e dois de ordem deontológica, que se tornariam fundamentais para a bioética, exercendo função de regras, capazes de guiar as decisões dos profissionais da saúde. São os princípios de ordem teleológica o respeito à autonomia dos indivíduos e a beneficência, traduzida na obrigação moral do profissional de agir em benefício de outros; apontam para os fins aos quais os atos dos profissionais de saúde devem estar orientados. Já os princípios de ordem deontológica (a justiça, que prioriza o direito à assistência e a não maleficência, sendo a obrigação de não infligir mal ou dano intencional, o que não significa, necessariamente, fazer o bem) indicam as obrigações que o profissional de saúde devia assumir no cuidado com o usuário<sup>12</sup>.

A utilização dos quatro princípios determinou o que chamamos de *princípioalismo*. Eles definem o modo de como o profissional da saúde conduzirá suas ações. Contudo, em caso de conflito entre estes, os princípios de ordem deontológica são superiores, e devem ser priorizados na análise dos dilemas.

### III. A Bioética no Brasil

No Brasil, incluiu-se a Bioética como um campo de estudos, adaptando-a à realidade brasileira e às propostas discutidas mundialmente, somente a partir de 1990, motivo pelo qual pode ser considerada como tardia<sup>13</sup>. O motivo deve-se ao fato de que o país esteve sob a ditadura militar, o que dificultou a consolidação de uma área de conhecimento que se propõe a discutir questões éticas pertinentes à autonomia e à dignidade humana.

Sua evolução em âmbito nacional relaciona-se diretamente com a promulgação da *Constituição* democrática de 1988, sendo de grande valor o trato das questões concernentes aos direitos humanos, após um período marcado pelo governo militar. Neste mesmo ano, houve ainda a elaboração de

---

<sup>11</sup> *Ibid.*, p. 42.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. 43.

<sup>13</sup> GARRAFA, V. 'Radiografia bioética de Brasil'. *Acta Bioethica*, vol. 6(1), 2000, p. 165-169.



um novo código de ética médica, que passou por um processo de revisão, atualização e ampliação, e fez parte do processo de redemocratização que transformou as relações no país no fim da década de 80; este texto trouxe avanços significativos para o exercício da medicina no Brasil, e foi produzido durante a 1ª Conferência Nacional de Ética Médica, realizada de 24 a 28 de novembro de 1987, no Rio de Janeiro. A publicação do livro “Experimentação com seres humanos” de Hossne e Vieira<sup>14</sup>, também em 1988, pode ser igualmente identificado como um marco deste período acerca da preocupação com as pesquisas que envolvem seres humanos.

Na década de 90, dentre outros acontecimentos importantes que culminaram em um aumento da investigação e produção científica, consolidando a Bioética como ferramenta indispensável para a atuação dos profissionais de saúde, destacam-se: o surgimento da Sociedade Brasileira de Bioética, em 1992, com a posterior realização do Primeiro Congresso Brasileiro de Bioética (1996); a publicação da Revista Bioética do Conselho Federal de Medicina, em 1993; a criação da Resolução 196/96 pelo Conselho Nacional de Saúde (CNS), estabelecendo diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos, em 1996 e a publicação do livro “Iniciação à bioética”, em 1998, pelo Conselho Federal de Medicina.

O marco simbólico neste contexto é representado pela Resolução CNS 196/1996, que contribuiu para a consolidação do sistema brasileiro de revisão ética das pesquisas, denominado Sistema CEP/CONEP, em que são apresentadas as funções atribuídas aos Comitês de Ética em Pesquisa (CEP) e à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), bem como o processo de revisão ética dos protocolos de pesquisa. O Conselho Nacional de Saúde, órgão representativo do controle social, demonstrou a necessidade de favorecer a transparência sobre a prática científica no Brasil por meio da implementação do Sistema Nacional de Informação sobre Ética em Pesquisa Envolvendo Seres Humanos (SISNEP).

Entre os muitos nomes que devem ser lembrados na história da Bioética brasileira, encontram-se o padre jesuíta Stanislaus Ladusãns, que publicou a primeira obra de Bioética no Brasil, Léo Pessini, Christian Barchifontaine, Roque Jungues, Maria Helena Diniz, Volnei Garrafa, Fermin Roland

---

<sup>14</sup> VIEIRA, S; HOSSNE, WS. *Experimentação com seres humanos*. São Paulo: Moderna, 1988.



Schramm, André Marcelo M. Soares, Débora Diniz, Alejandra Rotania, Tereza Vieira, Siqueira, entre outros.

Na área de ensino, em relação à graduação, a primeira disciplina de Bioética no Brasil – na época denominada Introdução à Bioética – foi oferecida, no ano de 1994, pela Faculdade de Medicina da Universidade de Brasília e foi implementada por Volnei Garrafa<sup>15</sup>, que desenvolveu no mesmo ano o Núcleo de Estudos e Pesquisa em Bioética da Universidade, o primeiro do gênero cadastrado no Brasil no CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Contudo, somente a partir de 2001 as Diretrizes Curriculares Nacionais dos Cursos de Graduação da Saúde passaram a recomendar a Bioética como disciplina indispensável ao processo de formação acadêmica<sup>16</sup>. Em 1998, foi implantado o curso de especialização em Bioética, na Universidade de Brasília, também pioneiro à época, que posteriormente deu origem ao programa de mestrado e doutorado. Este evento foi de extrema importância para a consolidação do campo disciplinar da bioética no Brasil.

No Brasil, a Bioética ficou caracterizada pela perspectiva da intervenção (Garrafa), da vulnerabilidade (Shramm) e do personalismo (PUC-Rio).

A contribuição de Volnei Garrafa à bioética desenvolvida no país também se deve ao fato de ele ter sido presidente do Sexto Congresso Mundial de Bioética, promovido pela Associação Internacional de Bioética e que contou com o apoio decisivo da Sociedade Brasileira de Bioética, realizado em Brasília, em novembro de 2002, e que impulsionou ainda mais o avanço do tema no Brasil.

Se até 1998 a bioética brasileira ainda era uma cópia colonizada dos conceitos vindos dos países anglo-saxônicos do Hemisfério Norte<sup>17</sup>, a partir de 2002 sua história começou a mudar.

---

<sup>15</sup> FIGUEIREDO, AM; GARRAFA, V; PORTILLO, JAC. 'Ensino da bioética na área das ciências da saúde no Brasil: estudo de revisão sistemática'. *Interthesis* (Florianópolis), vol. 5(2), 2008.

<sup>16</sup> MOTTA, LCS; VIDAL, SV; SIQUEIRA, RB. 'Bioética: afinal, o que é isto?' *Revista Brasileira de Clínica Médica*, vol. 10(5), 2012, p. 431-439.

<sup>17</sup> GARRAFA, V. 'Da bioética de princípios a uma bioética interventiva'. *Bioética*, vol. 13(1), 2005.



A teoria dos quatro princípios, mencionada anteriormente e pretensamente universalista, apesar de sua reconhecida praticidade e utilidade para a análise de situações práticas clínicas e em pesquisa, foi admitida como insuficiente, através de reflexões de bioeticistas brasileiros e seus vizinhos da América Latina, para uma prática bioética comprometida com os mais vulneráveis, e inconsistente com os dilemas éticos emergentes do século XXI. Neste contexto, surge uma proposta epistemológica anti-hegemônica ao principialismo, gerada na Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília, denominada bioética de intervenção.<sup>18</sup>

A bioética de intervenção defende como moralmente justificável a priorização de políticas e tomadas de decisão que privilegiem o maior número de pessoas e que resultem nas melhores consequências e a busca de soluções viáveis e práticas para conflitos identificados no próprio contexto em que ocorrem,

incluindo a reanálise de diferentes dilemas, dentre os quais: autonomia versus justiça/equidade, benefícios individuais versus benefícios coletivos, individualismo versus solidariedade, omissão versus participação e mudanças superficiais versus transformações concretas e permanentes.<sup>19</sup>

Deste modo, entende-se que a bioética vive entre modernos e pós-modernos, em um contexto moral secular no qual as virtudes foram esvaziadas de essência moral; a bioética não se reduz a uma adaptação da deontologia, mas ocupa-se também com as questões teleológicas, com as consequências dos atos sobre os sujeitos que recebem o cuidado advindo da prática profissional.<sup>20</sup>

No Estado do Rio de Janeiro, o impulso dos estudos em bioética teve início em 1998: com o incentivo e o apoio da teóloga Maria Clara L. Bingemer, coordenadora do Centro Loyola de Fé e Cultura (PUC-Rio), foi criado o Núcleo de Estudos em Bioética da PUC-Rio, posteriormente conhecido como Núcleo de Bioética Dom Hélder. Em 2000, o professor, filósofo e teólogo André Marcelo Machado Soares assume a coordenação, realiza a I Jornada de Bioética do Centro Loyola e organiza o primeiro curso de pós-graduação em

---

<sup>18</sup> *Ibid.*

<sup>19</sup> GARRAFA, V; PORTO, D. 'Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção'. *O Mundo da Saúde*, 26(1), 2002, p. 6-15.

<sup>20</sup> SOARES, AMM. *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2011, p. 56.





ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

*Medical Education*

*Educação Médica*

*Educación Médica*

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

Bioética oferecido pela PUC-Rio. Posteriormente, com o livro *Bioética, envelhecimento e interdisciplinaridade* (2004), tem início o projeto editorial. Em 2006, após a saída da professora Maria Clara L. Bingemer da coordenação do Centro Loyola, o Núcleo encerra as suas atividades nesta instituição e passa a ser independente. O projeto editorial prossegue e são lançados os livros: *Temas de ética aplicada* (2009) e *Temas da bioética contemporânea* (2010). Em 2011, o professor André Marcelo Machado Soares lança o livro *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. A obra é uma síntese das suas reflexões bioéticas, marca do seu pioneirismo e retrato fiel do nível dos debates realizados no Núcleo de Bioética Dom Helder<sup>21</sup>.

Ainda na área acadêmica, aos avanços referentes à pós-graduação, houve o estabelecimento de cursos na área da seguinte maneira: a Cátedra de Bioética da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) na Universidade de Brasília, em 2004; o Mestrado em Bioética no Centro Universitário São Camilo, em 2005; o Mestrado e Doutorado em Bioética e Saúde Pública da Universidade de Brasília em 2009; e o Programa de Pós-graduação em Bioética, Ética Aplicada e Saúde Coletiva (PPGBIOS) – em nível de Mestrado e Doutorado – através da associação ampla de quatro instituições do Rio de Janeiro: a Fundação Oswaldo Cruz (FIOCRUZ), a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), a Universidade Federal Fluminense (UFF) e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)<sup>22</sup>.

Outro bioeticista brasileiro cuja trajetória em prol da bioética merece destaque é o professor e filósofo Leocir Pessini, que define a bioética “como um grito, um brado forte pela dignidade humana e por mais qualidade de vida, desde o nível individual, pessoal ou até ao nível social, coletivo em todos os âmbitos da vida”.<sup>23</sup>

O padre Léo Pessini, como também é conhecido, trata das questões bioéticas sob a perspectiva cristã, e seus textos remetem ao resgate da dignidade do ser humano e à humanização dos cuidados de saúde, imprimindo uma visão

---

<sup>21</sup> PEREIRA, AT. *Bioética: uma síntese histórica das suas fases*. In: SOARES, A.M.M et al. *Conhecimento e sociedade II: reflexões transversais*. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2012, p. 99-127.

<sup>22</sup> REGO, S; PALÁCIOS, M; SIQUEIRA, RB. *Bioética para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009, p. 118.

<sup>23</sup> Em entrevista ao site *Revelação on Line*, da Universidade de Uberaba/Uniube.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

*Medical Education*

*Educação Médica*

*Educación Médica*

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

antropológica e holística do ser humano nas suas várias dimensões, ou seja, física, social, psíquica, emocional e espiritual.<sup>24</sup>

No ano de 2005, foi aprovado o documento internacional mais importante já escrito sobre a área: a Declaração Universal sobre Bioética e Direitos Humanos, promovida a partir de intensas discussões mundiais pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO). O Brasil foi um dos países mais ativos no processo de elaboração e aprovação da referida Declaração, fato que comprometeu politicamente o país não somente com a co-paternidade do documento, mas também com a sua efetiva implantação. O conteúdo da Declaração renovou e politizou a agenda bioética do século XXI, ampliando a ação da disciplina dos exclusivos domínios biomédicos e biotecnológicos, aos quais se dedicava anteriormente, aos campos sanitário, social e ambiental.<sup>25</sup>

Existe, principalmente desde então, um despertar de grande sensibilidade em relação a bioética no país, gerando várias iniciativas individuais e institucionais, responsáveis pela promoção de eventos, jornadas, seminários e congressos, capazes de envolver um número significativo de pessoas interessadas e pesquisadoras na área.

São as iniciativas institucionais já consolidadas na realidade brasileira, cujo entusiasmo pela bioética incentiva outros a seguirem suas jornadas, além das já referidas: o Instituto Oscar Freire - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), que conta com um Grupo de Estudos de Bioética (NACE-NEB) e a revista *Revista Saúde, Ética & Justiça*, cujas iniciativas agregam ideias e pensamentos bioéticos, além de promover o curso de Especialização em Bioética; o Núcleo Interinstitucional de Bioética - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, que presta consultoria em Ética em Pesquisa Clínica e Experimental em Bioética Clínica; a Comissão de Bioética do Hospital das Clínicas - (CoBi/FMUSP); o Núcleo de Estudos de Bioética da Pontifícia Universidade Católica (PUC) - Porto Alegre (RS); o Centro Universitário São Camilo - São Paulo (SP); o Núcleo de Ética Aplicada e Bioética/ Escola Nacional de Saúde Pública/FIOCRUZ; o Núcleo de

---

<sup>24</sup> PESSINI, L. Bioética e cuidado do bem-estar humano: ética, humanização e vocação como desafio para os profissionais de saúde [online]. *Rev Bioética*, 2005.

<sup>25</sup> UNESCO. *Declaração universal de bioética e direitos humanos*. Tradução: Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília, 2005.



Bioética da Universidade Estadual de Londrina (UEL) – Paraná e o Anis - Instituto de Bioética, Direitos Humanos e Gênero.

Para a professora Angélica Teresa Pereira,

o contexto de estudo da Bioética é a ciência da vida em confronto com as humanidades; desta relação, busca-se um caminho seguro para a sociedade poder aproveitar as novas tecnologias que surgem, trazendo benefícios reais a todos. Por diversas vezes, as discussões periféricas sobre determinado temas que afrontavam a sociedade e discussões acaloradas e rasas impossibilitavam aprofundar o assunto. A Bioética deve ser o diálogo das ciências com as humanidades objetivando garantir que a ética nas atividades relacionadas à vida esteja presente, não de forma casual, mas atentando para o contexto em que cada caso está inserido, evitando que decisões tomadas no calor do debate percam de vista o real sentido da ética.<sup>26</sup>

Por não possuir um *estatuto epistemológico*, a Bioética apoia-se na excelência daqueles que representam as áreas que integram as ciências humanas e as ciências da vida. Neste sentido, ela não é exclusivamente um diálogo entre pessoas, com formação moral, profissional e cultural distintas, mas, sobretudo, um diálogo entre diferentes disciplinas, constituídas por um conjunto representativo e paradigmático de teorias e práticas que orientam ações, reflexões e é utilizado para demarcar fronteiras metodológicas e epistemológicas.<sup>27</sup> A caminhada futura da Bioética brasileira e dos demais países da América Latina está sendo, então, direcionada para a construção de novas bases de sustentação epistemológica e prática, comprometida com a realidade do país e da região em que é aplicada.

#### IV. A Bioética em Portugal

Considerando o desenvolvimento da Bioética em Portugal, como uma área do saber que, na esteira de Van Potter, articula o conhecimento científico com o conhecimento dos sistemas de valores humanos<sup>28</sup>, temos que afirmar que o seu início em Portugal foi relativamente tardio. Na realidade, o primeiro grupo

---

<sup>26</sup> PEREIRA, AT. Bioética: uma síntese histórica das suas fases. In: SOARES, A.M.M et al. *Conhecimento e sociedade II: reflexões transversais*. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2012, p. 99-127.

<sup>27</sup> SOARES, AMM. *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2011, p. 202-203.

<sup>28</sup> POTTER, Van Rensselaer. *Op. Cit.*



organizado e estruturado de estudo dedicado às questões bioéticas, portanto, às questões relacionadas com as ciências da vida, foi criado em Coimbra, em 1988, o Centro de Estudos de Bioética.

Desde então, como referem Walter Osswald, Jorge Biscaia, Daniel Serrão, entre outros cultores da Bioética em Portugal, tem havido uma rápida e notável expansão não só no campo da reflexão, mas também a nível prático, nomeadamente no âmbito da formação pós-graduada, cursos de mestrado e doutoramento<sup>29</sup>, acompanhada da implementação de Comissões de Ética em unidades hospitalares e de ensino superior, estes ligados à área da saúde.

Naturalmente não vamos dar uma perspetiva histórica, pois esta já foi abordada parcialmente na primeira parte deste artigo, o nosso enfoque dirige-se mais para a prática da Bioética em Portugal, na medida em que o debate bioético atraiu o interesse de diversas classes profissionais; abriu-se à população em geral e a consciencialização pública e ditou a intervenção de organizações como as universidades no ensino da Bioética<sup>30</sup>, como as associações sem fins lucrativos com o objetivo de refletir as questões ligadas às ciências da vida e a intervenção política/ jurídica, na criação de legislação em questões de importância vital relacionadas com a tecnologia aplicada à biomedicina.

Na realidade, em Portugal, como na maioria dos países ocidentais, a aplicação concreta da reflexão bioética surge através de importantes eventos e

---

<sup>29</sup> Regista-se um número considerável de pessoas com formação diversificada – médico, enfermeiros. Filósofos, juristas, teólogos, professores, etc. – a inscrever-se nos cursos de doutoramento em Bioética do Instituto de Bioética da UCP.

<sup>30</sup> A segunda metade da década de 90 foi claramente marcada pela multiplicação de instituições bioéticas, fundadas, na sua maioria aliás, por membros do CEB, sobretudo em universidades, e que vieram imprimir um novo desenvolvimento à bioética portuguesa criando e ocupando um espaço que não cabia na missão do CEB: o do ensino e da investigação. Assim, em 1995, foi criado o Gabinete de Investigação em Bioética, na Universidade Católica Portuguesa, no Porto (hoje Instituto de Bioética); em 1996 instituiu-se o Serviço de Bioética e Ética Médica na Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (hoje Associação Portuguesa de Bioética); em 1998, é a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa que cria o seu Centro de Bioética. Refiro ainda o Centro de Direito Biomédico, criado na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra em 1988 e que foi desenvolvendo também lecionação e investigação em bioética. Ver: NEVES, Maria do Céu. 'Para uma leitura histórica do Centros de Estudos de Bioética'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 14-24.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

*Medical Education*

*Educação Médica*

*Educación Médica*

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

iniciativas, sempre marcada por grandes audiências, em diferentes pontos geográficos do país e com a publicação crescente de artigos relacionadas com a atividade bioética, na qual se destaca a Revista Portuguesa de Bioética que, ininterruptamente publica temas de bioética, há mais de 25 anos.

A formalização do ensino e da investigação em bioética aumenta significativamente e o número de profissionais e académicos que se interessam por esta nova área do saber, como via complementar e de especialização da sua formação de base, começa a criar massa crítica portuguesa e, por conseguinte, começa-se a assistir a uma nova dimensão da Bioética em Portugal, muito por causa da diversificação de perspetivas de análise e de reflexão. A abertura a outros temas e a outros domínios torna-se imperiosa. A Bioética que, até à década de 90, era de poucos, centrada principalmente numa ética biomédica, analisada e refletida sob a visão humanista, personalista e comunitária, abre-se agora a uma pluralidade de profissionais e académicos – como sejam enfermeiros, biólogos, sociólogos, psicólogos, economistas jornalistas –, que comportam uma sensibilidade acrescida a novos temas – como sejam saúde pública, ambiente e biodiversidade – e que ousam também explorar novas perspetivas – como sejam libertárias, do cuidado, da espiritualidade, eco ou biocêntricas. A Bioética expande-se e diversifica-se, consolida-se e aprofunda-se.<sup>31</sup>

Ainda no contexto das publicações não podemos deixar de referir as obras editadas: livros especializados com temas diversos, como, por exemplo, a bioética para enfermeiros; também neste enquadramento as obras sobre ética e genética, ensaios clínicos, a vida humana na fase inicial e final; reprodução medicamente assistida e clonagem; pensamento bioético em Portugal; comissões de ética hospitalar, entre outras obras (todas de leitura obrigatória para quem adentra nesta matéria). Não podemos deixar salientar os dois volumes com comentários à Convenção Europeia dos Direitos do Homem e Biomedicina, publicação que resulta de encontros realizados pelo Instituto e Bioética, convocando os especialistas para discutirem os documentos de interesse legal adotados em Portugal, com ampla implicação no tratamento e na cura. No seguimento das publicações e com responsabilidades acrescidas nesta matéria o CNECV é, claramente, quem mais tem contribuído para o desenvolvimento ético/jurídico da Bioética em Portugal. O Conselho Nacional de Ética para as Ciências da Vida, organismo consultivo

---

<sup>31</sup> *Ibid.*

(independente) do Governo e da Assembleia da República Portuguesa é, sem dúvida, um dos mais elementares preponderantes fatores decisivos na orientação de princípios éticos na prática da tecnologia com aplicação na medicina.

Nesta perspetiva, consideramos que a Bioética em Portugal permanece (ainda) como área humanista-filosófica (mas tende rapidamente para uma versão biopolítica) que apela aos especialistas, aos cientistas, aos profissionais do cuidado, aos juristas a aplicação de princípios e dos valores fundamentais ou fundantes da ética. A Bioética é, neste sentido, um compromisso de ação sustentado na ética fundamental. Isto é, retomando a formalização da Bioética em Portugal, a sua ação assenta na visão humanista, personalista e comunitária.

Todavia, já se observa em Portugal, o que vem na linha do que acontece em outros países, uma Bioética a ser cada vez mais praticada segundo uma orientação jurídica e ou sociológica, que a tem conduzido para uma bioética política ou dito de outra forma para uma biopolítica. Por conseguinte, ainda que de forma ténue, verifica-se uma alteração substancial da Bioética em Portugal, na medida em que ela está a passar do plano reflexivo (transdisciplinar) para um outro plano, que é do normativo/político<sup>32</sup> (interdisciplinar dos que aceitam e votam a favor<sup>33</sup>). As características anteriormente referidas estão a ser transferidas para outro patamar de reflexão, o das convicções pessoais e individuais ao invés de se centrar a reflexão bioética numa ética fundamental. Um caminho, em nosso entender, que pode levar à instrumentalização da Bioética, retirando-lhe o seu caráter primeiro, que é o da prática do conhecimento dos valores humanos fundamentais, aplicada ao conhecimento científico. Os valores éticos e ou morais vão sendo alterados de acordo com uma visão cultural e sociológica da sociedade. E a política acompanha esta alteração. Aliás, é a própria política que através de grupos de pressão, instrumentaliza, em nossa opinião, o pensamento bioético em Portugal. Pequenos grupos de pressão parece ter

---

<sup>32</sup> Normas jurídicas nacionais e internacionais, normas deontológicas profissionais, normas científicas certificando a segurança e a qualidade; normas sociais e culturais, assim como os registos normativos em que os profissionais devem considerar segundo uma escala de prioridade ou de subordinação. Dentro das questões de bioética, certos atores colocam doravante em primeira linha as dimensões contextuais, sociais e políticas, subordinando nelas os aspetos morais e relativizando radicalmente a autoridade de uma ética filosófica.

<sup>33</sup> CNECV – Documentação | 14 (2013/2014), p. 11-15.



mais poder – em questões sensíveis que dizem respeito às ciências da vida e, por isso, à Bioética -; do que anos de um pensamento estruturado e refletido a partir da ética fundamental e de uma ética aplicada.

Talvez, diríamos que se generalizou um novo poder, o *biopoder*, como lhe chama Michel Foucault (1976) querendo dizer que os “fenómenos próprios da vida humana” entram no campo da política. Todavia, a própria vida humana, a sua vivência, implica o apelo aos valores éticos, isto é, a uma *sabedoria prática*, que não se limita à discussão de ideias ou de boas razões, mas que a boas razões e a discussão de ideias consolidem decisões eticamente boas. A *sabedoria prática* refere-se à atividade científica do saber e do saber fazer. Ambos saberes entrelaçam-se. E ambos apelam ao diálogo ético fundamental. Que a Bioética em Portugal não perca esta relação circunstancial e substancial.

## V. Bioética – escuta dos valores éticos e fundamentais

Tem sido cada vez mais frequente na prática da Bioética em Portugal e nos diversos profissionais que atuam na área da saúde colocar a seguinte questão: O teor ético das decisões éticas depende da convicção pessoal e individual de cada um e, por assim dizer, pelo voto da maioria, ou se pelo contrário, devem corresponder aos princípios éticos reconhecidos como fundamentais do agir humano?

A prática da Bioética em Portugal, tal como em muitos outros países, é de aplicação complexa, uma vez que a ética aplicada à biomedicina ou a outras áreas da atividade humana está dependente, não raras vezes da sensibilidade e formação de quem está no campo operativo. Por isso, também, não raras vezes, a prática bioética molda-se com as disposições transitórias eventualmente presentes na cultura de uma comunidade ou organização e das culturas vigentes.

Todos sabem que os valores éticos são culturalmente inculturados. Mas uma coisa é aceitar e guiar-se pelos valores fundamentais; outra é a aplicação destes valores nas mais variadas formas do agir humano. O trabalho bioético, que é um diálogo transdisciplinar, realiza-se pela discussão de ideias e conhecimento de cada um envolvido nesse diálogo. Por isso, a prática da bioética em Portugal pode, por vezes, não coincidir em nada ou apenas parcialmente, com uma determinada forma de agir num outro país. Porém, a Bioética como ética aplicada às ciências da Vida deve fundamentar e basear a sua decisão nos

princípios da ética fundamental e não basear a ética na decisão circunstancial. Isto é, a decisão bioética deve ser baseada e apoiada pela ética fundamental e não basear a ética fundamental nas nossas decisões. Há por assim dizer a necessidade de um “caminho de retorno”.

A nossa esperança, na linha de J. Ladrière (filósofo da esperança) é de que a Bioética, na sua missão revelar os prós e contras das opções, das escolhas, das regulamentações, deve continuamente manter a sua relação com a verdade e à “verdade” que ela não possui, mas cujo desejo a habita e a inspira.<sup>34</sup>

A Bioética portuguesa já teve, mais do que hoje, uma estrutura e um destino escatológico.<sup>35</sup> Atualmente “problema essencial da reflexão ética, no contexto da ciência moderna”<sup>36</sup>, é o de manter a unidade do homem e ao mesmo tempo a necessidade de este se reencontrar, de se restaurar e de esperar, no sentido da esperança. A Bioética em Portugal, depois de um caminho humanista e personalista, movido por inspiração crística, necessita de recuperar o seu humanismo personalista, numa época em que enfrenta desafios desconhecidos e perigos inéditos para o futuro da condição humana. Na verdade, a Bioética é chamada a lidar com o desconhecido e com o incerto. Ela deve escutar o que vem de longe ou o que ainda está longe e do qual não se pode, ainda, fazer representações ou projetos, mas do que se pode somente esperar”.<sup>37</sup>

A Bioética em Portugal, na linha dos seus pioneiros, apresenta-se numa perspetiva da Bioética global alicerçada num programa secular que apela à moralidade responsável das decisões em relação à vida humana e à

---

<sup>34</sup> DUPUIS, M. ‘A bioética e seus desafios de hoje e de amanhã’. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 25-31.

<sup>35</sup> Na sua relação com a Bioética, a Esperança, enquanto virtude teologal, conduz-nos à interrogação sobre o sentido de uma bioética religiosamente adjetivada, quer seja cristã, católica ou não; quer hebraica, islâmica ou budista. Ver: LOUREIRO, JC. ‘Tripórtico da Esperança e do Direito’. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 74-119.

<sup>36</sup> LADRIÈTE, J. La problématique bioéthique. *In: L'éthique dans l'univers de la rationalité*. Paris : Fides, 1997, p. 306.

<sup>37</sup> LADRIÈTE, J. L'humanisme contemporain. *In: La Foi chrétienne et le Destin de la raison*. Paris : Cerf, 2004.





ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

Medical Education

Educação Médica

Educación Médica

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

preservação da vida animal e vegetal, em todo ambiente natural. É uma moralidade ou eticidade da responsabilidade no presente e no futuro.<sup>38</sup>

A prática bioética em Portugal é atravessada e rasgada por uma Bioética da Esperança. A Bioética, como ética aplicada à vida, traz consigo a Esperança idílica de humanizar a humanidade; a Bioética como ética da Esperança traz consigo a força da peregrinação humana, que é o já ainda não; do que já vivemos e já concretizamos, mas também do que ainda havemos de viver.

A Bioética é sempre uma promessa, de Esperança. É uma resposta que nos é posta à promessa que se espera de um mundo novo de justiça e de Paz que vem, virá, mas ainda não completado.

A Bioética é a esperança do Homem novo. Por isso, a Bioética é uma espera que se espera<sup>39</sup>.

\*\*\*

## Bibliografia

- DUPUIS, M. 'A bioética e seus desafios de hoje e de amanhã'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 25-31.
- FIGUEIREDO, AM; GARRAFA, V; PORTILLO, JAC. 'Ensino da bioética na área das ciências da saúde no Brasil: estudo de revisão sistemática'. *Interthesis* (Florianópolis), vol. 5(2), 2008.
- GARRAFA, V. 'Da bioética de princípios a uma bioética interventiva'. *Bioética*, vol. 13(1), 2005.
- \_\_\_\_\_; PORTO, D. 'Bioética, poder e injustiça: por uma ética de intervenção'. *O Mundo da Saúde*, 26(1), 2002, p. 6-15.
- \_\_\_\_\_. 'Radiografia bioética de Brasil'. *Acta Bioethica*, 6(1), 2000, p. 165-169.
- GOMES, CC. *O Pensamento Bioética de Daniel Serrão: Gênese e fio condutor*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2013.
- LADRIÈTE, J. *La Foi chrétienne et le Destin de la raison*. Paris : Cerf, 2004.
- \_\_\_\_\_. *L'éthique dans l'univers de la rationalité*. Paris : Fides, 1997.

---

<sup>38</sup> SERRÃO, D. 'Bioética, a aventura de uma utopia saudável'. *Academia das Ciências - Coloquio das Ciências* (Lisboa), 18, 1996, p.59-66; GOMES, CC. *O Pensamento Bioética de Daniel Serrão: Gênese e fio condutor*. Coimbra: Gráfica de Coimbra, 2013.

<sup>39</sup> SERRÃO, D. 'Esperar: o primeiro verbo da Vida'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, p. 47-57, 2014; MAGALHÃES, VP. 'A esperança na Teologia cristã'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014.



ANGOTTI NETO, Hélio (org.). *Mirabilia Medicinæ* 6 (2016/1).

*Medical Education*

*Educação Médica*

*Educación Médica*

Jan-Jun 2016/ISSN 1676-5818

- LOUREIRO, JC. 'Tripórtico da Esperança e do Direito'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 74-119.
- MAGALHÃES, VP. 'A esperança na Teologia cristã'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014.
- MOTTA, LCS; VIDAL, SV; SIQUEIRA, RB. 'Bioética: afinal, o que é isto?' *Revista Brasileira de Clínica Médica*, 10(5), 2012, p. 431-9.
- MUZUR A; SASS HM (editors). *Fritz: Jahrbuch and the foundations of global bioethics: the future of integrative bioethics*. Munster: Lit Verlag, 2012.
- NEVES, MCP. 'Para uma leitura histórica do Centros de Estudos de Bioética'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014, p. 14-24.
- \_\_\_\_\_; PRADO, M. 'Apresentação do projeto Origem e evolução da Bioética em Portugal e Brasil: a questão da identidade'. *Bioética*, vol. 12, 2004, p. 139.
- PEREIRA, AT. Bioética: uma síntese histórica das suas fases. In: SOARES, A.M.M et al. *Conhecimento e sociedade II: reflexões transversais*. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2012.
- PESSINI, L. 'Bioética e cuidado do bem-estar humano: ética, humanização e vocação como desafio para os profissionais de saúde' [online]. *Rev Bioética*, 2005.
- POTTER, Van Rensselaer. 'Bioethics, science of survival'. *Perspect Biol Med*, vol. 14, 1970, p. 127-153.
- REGO, S; PALÁCIOS, M; SIQUEIRA, RB. *Bioética para profissionais de saúde*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2009, p. 118.
- SERRÃO, D. 'Bioética, a aventura de uma utopia saudável'. *Academia das Ciências - Colóquio das Ciências* (Lisboa), 18, 1996, p. 59-66.
- \_\_\_\_\_. 'Esperar: o primeiro verbo da Vida'. *Revista Portuguesa de Bioética*, Ano XX/59, nº 19, 2014.
- SOARES, AMM. *Bioética e secularização: sobre a identidade conceitual dos paradigmas bioéticos contemporâneos*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Real Engenho, 2011.
- \_\_\_\_\_; PIÑEIRO, WE. *Bioética e biodireito: uma introdução*. 2ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- UNESCO. *Declaração universal de bioética e direitos humanos*. Tradução: Cátedra UNESCO de Bioética da Universidade de Brasília, 2005.
- VIEIRA, S; HOSSNE, WS. *Experimentação com seres humanos*. São Paulo: Moderna, 1988.